

10. A NATUREZA PRÓPRIA DE RAMA

O *dharma* é algo que não está sujeito nem ao tempo nem ao espaço, e que não se modifica nem se acomoda às necessidades ou pressões do momento. Ele representa um conjunto de princípios fundamentais que deve orientar a humanidade em seu progresso na busca da harmonia interior e da paz exterior. Quando o homem se desvia do *dharma*, ele se confronta com um mal ainda maior do que a servidão física. Há um temor agora de uma invasão do inimigo e sujeição a ele, se não estiverem alertas e unidos o suficiente. Mas a perda do *dharma* é a pior das calamidades, pois, de que vale a vida se o homem não está à altura dos atributos que lhe foram outorgados?

Esses princípios são chamados *sanathana* (eternos) porque suas origens não têm data e seu autor é desconhecido, tendo sido revelados a sábios imparciais e espiritualmente iluminados. Eles são ensinamentos básicos e eternos, e não representam caprichos de uma determinada época. A Índia se manteve incólume e destemida diante da invasão de influências de outras terras, tendências essas que atendiam às necessidades de sociedades menos evoluídas, porque ela foi fiel ao *dharma* estabelecido para todos e para sempre. Os governantes hindus também observaram o rigor do *dharma*, seguindo os conselhos de seus intérpretes e guardiões, daqueles que se purificaram no cadinho de *tapas* (austeridade). Eles reconheceram o Senhor dos Senhores e buscaram Sua orientação através de preces e penitência, cientes de que seu Senhor era Aquele que em todos reside, a Eterna Testemunha. Eles aprenderam que o Senhor tinha compaixão não somente pelo rei, mas, também, pelo mais humilde de seus súditos. Assim, os dirigentes deste país foram advertidos a cuidar da felicidade de todos os cidadãos da nação e a sanar suas penúrias.

Dharma é o código de conduta que promove os ideais de cada etapa da vida do homem – do estudante, do chefe de família, do trabalhador, do amo, do servo, do *sadhaka* (aspirante espiritual), do *sanyasi* (renunciante/penitente), etc. Quando esse código é distorcido e o homem fraqueja no curso de sua vida, esquecendo-se do propósito maior para o qual aqui veio, o Senhor encarna e o conduz ao longo do caminho correto. Isto significa que Ele assume a forma física humana para restaurar os princípios e restabelecer a prática do *dharma*. Na Gita isto é chamado de *dharmasamsthapana* (o restabelecimento do *dharma*). Entre as Formas assumidas pelo Senhor não há uma que seja maior ou menor, embora os *pandits* (sábios) possam discutir quem é o melhor ou o maior entre, por exemplo, Rama e Krishna! Simples exercício intelectual que dá a esses *pandits* o mero prazer de uma disputa entre pugilistas! Veerabhada Sastry acabou de falar sobre um problema semelhante. Desde já Eu lhes digo que o Divino é uma Entidade Indivisível, não importa a Forma que assuma, aqui ou em qualquer outro lugar.

Rama apareceu na forma humana por meio de *maya* (ilusão) e se manteve fiel ao *dharma* na prática diária, desde a infância. Ele é a personificação do *dharma*. Nele não há qualquer traço de *adharma* (não-*dharma*). Sua Natureza Divina se revela em *santha guna* (qualidade da paz) e *karuna rasa* (piedade divina). Meditem sobre Ele e vocês se sentirão plenos de *prema* (amor) por todos os seres. Estudem Sua história e sintam toda a agitação de suas mentes se aquietando em perfeita calma. Quando Thataka teve de ser morta Rama questionou, hesitou e desistiu, até que Visvamithra O convenceu de que Ele tinha que libertá-la de uma maldição com uma de Suas próprias flechas. Esse é um sinal da Sua compaixão.

Rama nunca provocou ninguém, criando uma desculpa conveniente para que O destruíssem. Muito pelo contrário, Ele deu aos adversários todas as oportunidades para que se salvassem. Ele levou a mensagem do *dharma* aos *vanaras* e aos *rakshasas* (espíritos demoníacos), assim como a sábios como Jabali. Ele não hesitou em aceitar a homenagem de Vibhishana, e declarou que estava pronto a aceitar até mesmo Ravana, contanto que este se arrependesse de sua iniquidade. “Sathyam vada” (fale a Verdade), diz o texto védico (*sruthi*), e Rama se ateu à Verdade, apesar de todas as tentações. *Dharmam chara* (ensinem o *dharma*), diz a tradição, e Ele nunca se desviou do caminho. Como sabem, obedecendo as ordens de Seu pai, Rama passou 14 anos na floresta. Durante esse período Ele jamais entrou numa cidade ou vilarejo habitado. Ele evitou Kishkindha e Lanka, mesmo durante a coroação de Sugriva e Vibhishana. Vibhishana lhe suplicou em lágrimas, alegando que restavam poucos dias para completar os 14 anos, mas Rama enviou Lakshmana em Seu lugar. Ele jamais vacilou nem se precipitou e, com essa determinação, manteve Seu voto.



Rama é *dharmasvarupa* (a própria forma do *dharma*), Krishna é *premasvarupa* (a própria forma de *prema*). Rama estava sempre ciente das obrigações do *dharma*. Quando Dasaratha, desesperado, correu atrás de Seu carro, gritando para Sumanthra: “Pare, pare”, Rama ordenou-lhe que não o fizesse, dizendo: “Se ele o repreender, diga-lhe que não o ouviu”. Sumanthra se viu num dilema: como poderia ele faltar com a verdade? Mas Rama explicou: “Esta ordem para deter o carro veio de um pai cheio de dor, enquanto que a de Me conduzir para a floresta veio do rei, de quem você é ministro. Você não deve dar ouvidos aos desvarios de um homem que perdeu a razão em meio a seu sofrimento; você só deve escutar os comandos do rei”.

Mesmo antes do Advento do Avatar, o cenário já está preparado nos mínimos detalhes; Kaikeyi está pronta, com suas duas bênçãos indefinidas; Dasaratha está pronto, com a maldição do asceta sobre sua cabeça, condenando-o à morte causada pela angústia da separação de seu filho; os Vanaras estão a postos, para servir ao Propósito Divino; Sita está pronta, surgida da Terra, para propiciar a ruína do mal. Assim como uma guirlanda é montada com flores de várias plantas, de muitas cores e fragrâncias, a guirlanda da história divina é feita com uma variedade de incidentes – um favor, uma bênção, uma maldição - que compõem a Sua maravilhosa trama.

Alguns dizem que Rama mostra ao homem como sofrer. Ora, se um rei encena uma peça no palácio, e sente prazer em desempenhar o papel de um mendigo, fazendo-o com muito realismo, seria correto afirmar que ele sofre as agruras do mendigo? Rama é *ananda* (bem-aventurança). *Ananda* é Rama. Como pode ser açúcar se não for doce? Se Rama sofre, não pode ser Rama. Uma bola de ferro não queima a pele, mas, se estiver em brasa ela queimará. Esse é apenas um papel assumido; quando o calor arrefece, ela se torna fria como antes.

O nome de Rama os salvará se ao menos tiverem a mesma *pithru bhakti* e *mathru bhakti* (devoção ao pai e à mãe) que Rama teve. Caso contrário, o nome de Rama (*nama* Rama) será apenas um movimento de lábios. Meditem sobre a forma e a própria existência de Rama quando recitarem ou escreverem o nome de Rama. Isso exercitará a mente, tornado-a espiritualmente sã e forte. Façam dessa Forma do *dharma* a sua eterna bem-aventurança, neste *janmadina* (aniversário) de Rama. Esse é o Meu conselho e a Minha bênção.

Rajahmundry - 01/04/63

